

A ARTE DE UM OFÍCIO EM EXTINÇÃO

VASCONCELLOS, Marciele A. de¹; GILL, Lorena Almeida²

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPel), História Bacharelado;
cielevasconcellos@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Departamento de História. *lorenaalmeidagill@gmail.com*

1 INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa “*À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer*”¹, que busca contribuir para reflexões que se inserem na área das Ciências Humanas, se propõe a preservar as memórias de artífices, como, por exemplo, alfaiates, couteiros, sapateiros, chapeleiros e relojoeiros que, apesar de ainda existirem nos dias atuais, figuram em número diminuto na sociedade, além de possuírem uma reduzida clientela.

Conforme salienta Braverman (1987, p. 100) “em cada um desses trabalhadores [denominados por ele como profissionais qualificados] repousava o conhecimento acumulado de materiais e práticas pelas quais a produção era realizada no ofício”. Nesta perspectiva, verifica-se que as técnicas empregadas por esses profissionais especializados exigem uma notável habilidade manual que, conseqüentemente, demandam décadas de aprendizado para o satisfatório domínio de suas aptidões e necessitam de um lento processo de produção, até que o produto seja finalizado. Em contrapartida, atualmente, a incessante produção industrial e suas novas tecnologias oferecem a funcionalidade e a rapidez – extremamente valorizadas em nossa sociedade – que acabaram por tornar obsoletas as habilidades artesanais. O presente trabalho, além de destacar o decurso do referido projeto, foca o ramo da alfaiataria, na cidade de Pelotas, a fim de observar a trajetória deste ofício, suas transformações e as nuances do mundo do trabalho.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A pesquisa vale-se da análise documental do acervo da Justiça do Trabalho da Comarca de Pelotas, a fim de problematizar as relações que esses trabalhadores mantinham com as políticas trabalhistas. Este acervo, que se encontra no Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas (NDH-UFPel), caracteriza-se como o mais completo do Rio Grande do Sul, pois preserva em sua totalidade o conjunto documental² (LONER, 2010).

¹ O projeto, desenvolvido desde 2008, conta com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

² Com exceção de alguns autos iniciais que se encontram em Porto Alegre, compõe o acervo todos os processos da região, que abrangem os anos de 1936 a 1995.

Além disso, o projeto utiliza a metodologia de história oral temática, que pressupõe a elaboração de um questionário com o tema central do projeto de pesquisa, que justifica a realização das entrevistas e a escolha dos entrevistados (MEIHY; HOLANDA, 2007). No decurso do projeto, inicialmente, algumas profissões em extinção e seus respectivos profissionais foram localizados para, posteriormente, efetuar-se um contato inicial. Neste encontro, os objetivos e os motivos da realização da entrevista devem ser explicitados. As entrevistas são gravadas e, em um segundo momento, transcritas. Além disso, poderá ser realizada a gravação de um vídeo, mas tal recurso depende exclusivamente da anuência e o conforto do entrevistado³.

A utilização desses relatos orais, acompanhada da análise dos processos trabalhistas, permite o cruzamento de dados, possibilitando uma ampliação da pesquisa no projeto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, foram realizadas vinte e seis entrevistas, sendo dezoito com benzedeiros e benzedeiros das cidades de Pelotas e São Lourenço; uma parteira, em Piratini; um relojoeiro, uma chapeleira, um afiador de facas e quatro alfaiates na cidade de Pelotas. No que se refere ao ramo da alfaiataria, atualmente existem apenas quatro estabelecimentos comerciais instalados no centro da cidade de Pelotas, sendo realizadas entrevistas de história oral com os alfaiates Milton Gonçalves da Silva, José Fernando Brem, José Francisco Marques e Luiz Roberto Brizolara. Conforme o depoente Milton Silva, em meados da década de 1950, existiam cerca de vinte alfaiatarias na cidade, que empregavam uma média de dez a quinze funcionários.

Como bem atenta Portelli (2004) recordar e contar já é *interpretar*. Através desta assertiva, o autor evidencia que a subjetividade, inerente aos seres humanos, é indissociável das narrativas construídas no campo da História Oral, bem como reflete versões individuais de acontecimentos. Dessa forma, cada narrativa constitui-se de um campo de possibilidades expressivas e as subjetividades, se excluídas, podem distorcer o significado próprio dos fatos narrados (PORTELLI, 1996). Neste sentido, os relatos dos alfaiates entrevistados convergem em certas constatações, mas a maneira como percebem e narram o processo de extinção de seu ofício torna seus relatos singulares.

Cabe salientar que os entrevistados possuem mais de sessenta anos de idade e constantemente associam a diminuição de suas forças biológicas ao declínio do ofício. Conforme destaca Bosi (1987) a velhice é uma categoria social que é concebida de forma diversa nas sociedades. Segundo a autora, na sociedade industrial, resta ao idoso, visto como indivíduo improdutivo, a tolerância e abnegação. Em contrapartida, os entrevistados ainda exercem seus ofícios e declararam não ter a intenção de largar a profissão.

Os depoentes afirmaram que aprenderam a profissão em alfaiatarias da cidade. Além disso, dedicaram-se exclusivamente ao aprendizado e ao exercício da profissão. Quando indagados sobre o ensino do ofício aos aprendizes, o depoente

³ Este material encontra-se disponível para consulta no Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas (NDH-UFPEL).

Milton Silva destacou que, antigamente, ensinava muitos aprendizes, mas com o passar do tempo e o crescente declínio da profissão o interesse diminuiu. Em contrapartida, os demais entrevistados destacam que o significativo número de reclamações trabalhistas movidas contra alfaiatarias da cidade os desmotivou a empregar ajudantes. Neste sentido, percebe-se na narrativa dos três entrevistados que, nas relações entre mestre e aprendiz nas alfaiatarias, não havia uma preocupação em legalizar a condição do aprendiz. Quando indagados sobre o possível aumento ou diminuição do fluxo de clientes no decorrer dos anos, declararam que houve uma queda significativa no número de fregueses, atribuindo essa diminuição, principalmente, aos reflexos da produção industrial de roupas.

Até o momento foram analisados cerca de 700 processos trabalhistas, que compreendem os anos de 1936 a 1947. Destes, verificamos a existência de apenas seis reclamações⁴ movidas contra alfaiatarias de Pelotas, o que poderia se contrapor às declarações observadas nas entrevistas realizadas. Porém, salientamos que os relatos orais correspondem a décadas posteriores ao período analisado documentalmente.

Verifica-se que o objeto mais recorrente nas reclamações que envolviam alfaiates era a demissão sem justa causa, entretanto estes processos nos permitiram problematizar outros aspectos do ramo da alfaiataria na cidade de Pelotas, como a atuação do Sindicato da categoria, bem como as convergências ou divergências presente nas categorias de mestres, contra mestres, oficiais e aprendizes, ou seja, se havia união ou segregação entre essas categorias nas reclamações trabalhistas. Além disso, em um processo de 1941, se verificaram os reflexos da Segunda Guerra Mundial na cidade de Pelotas.

4 CONCLUSÃO

Por meio das entrevistas realizadas com os alfaiates da cidade de Pelotas, foi possível verificar algumas nuances da trajetória desses artífices e a paulatina transformação de seu ofício. Além disso, a inexistência de aprendizes nas alfaiatarias da cidade inviabiliza a relação mestre-aprendiz e, conseqüentemente, o ensino do ofício não é perpetuado.

Em suas narrativas percebe-se a fusão entre a trajetória do ofício e suas vidas. Os tempos de “glória” do ofício situam-se no passado, “naquela época” do ápice de suas vidas, onde os relatos da juventude, por vezes, cedem lugar a passagens da infância e da adolescência, dos amores e da formação de seu núcleo familiar. Neste sentido, conforme destaca Bosi (1987, p. 36) “o artesão acumulava experiência e os anos aproximavam da perfeição seu desempenho; era um mestre de ofício. Hoje, o trabalho operário que é repetição de gestos que não permite aperfeiçoamento, a não ser na rapidez”. Ainda é possível se verificar, como um

⁴ Acervo da Justiça do Trabalho. Alexandre Seifriz, et al. contra Alfaiataria Caprio, 1942, S/N, caixa 02. Gomercindo Oliveira et al, representados pelo Sindicato dos Oficiais de Alfaiate de Pelotas, contra Manoel Mota, 1941, S/N, caixa 04. José Rodrigues contra Darcy Machado de Menezes, 1941, S/N, caixa 03. Vicente Filizola Brandi contra Amadeu Padula, 1941, S/N, caixa 04. José Ribeiro Vargas contra Júlio Aldavez, 244/47, caixa 024. Petrolina Taborda contra Antonio Lauria, 252/47 – 320/47, caixa 024. Disponível no Núcleo de Documentação Histórica (NDH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

resquíio de tempos passados, que o ofício destes artífices moldou, além de tecidos, experiências ao longo de suas vidas.

5 REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembranças de Velhos. São Paulo: Editora da USP, 1987.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. 3.ed. Rio de Janeiro: LTR, 1987.

LONER, Beatriz Ana. O acervo sobre trabalho do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. In: SCHMIDT, Benito Bisso (Org) **Trabalho, justiça e direitos no Brasil: pesquisa histórica e preservação das fontes**. São Leopoldo: Oikos, 2010, p. 09-24.

MEIHY, José e HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. *Tempo*. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996, p. 59-72.

_____. O momento da minha vida: Funções do tempo na História Oral. p. 296-313. In: FENELON, Déa; MACIEL, Laura; ALMEIDA, Paulo e KHOURBY, Yara (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004.